

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
1998

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por dois grupos de resposta obrigatória.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

- 1 Uns, com os olhos postos no passado,
Vêem o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.
- 5 Porque tão longe ir pôr o que está perto –
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.
- Perene fui a interminável hora
- 10 Que nos confessa nulos. No mesmo hausto¹
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

Ricardo Reis, Odes, Lisboa, Ática, 1981

¹ hausto: sorvo, aspiração (neste contexto, metáfora de valor temporal).

Elabore um comentário do poema que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- relação do sujeito poético com «uns» e «outros»;
- importância do tema do tempo;
- proposta de uma filosofia de vida;
- recursos estilísticos relevantes;
- traços da poética de Ricardo Reis e sua integração no contexto da heteronímia pessoana.

GRUPO II

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por duzentas e sessenta e uma palavras, num texto de setenta e cinco a cem palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as instruções dadas em final de página.

- 1 A visão antitética¹ pela qual, geralmente, se definem os dois grandes criadores de ficção do nosso século XIX concede a Camilo a parte da inspiração e do casticismo² e a Eça a parte da observação, da técnica renovadora, do europeísmo, da modernidade aliciante. Este juízo, fundamentalmente exacto, só tem os defeitos de toda e qualquer definição sumária de realidades complexas: precisa de ser matizado, submetido à contraprova de perguntas e objecções que tragam à luz o menos aparente. Assim, aproximam-nos da compreensão mais justa as tentativas para descobrir em Eça o romantismo temperamental combatido pela ironia, o poder de narração dramática, o portuguesismo de intenções e de processos. De igual modo, não será inútil averiguar se em Camilo não houve o propósito de escrever 5 novelas de feição moderna; se a obra que deixou, em vez de se apresentar como isolada explosão de génio, não se insere numa linha de continuidade, aproveitando a experiência novellística de Garrett e de Herculano para a superar, abrindo novas e amplas perspectivas à nossa prosa de ficção; e ainda se tais aspectos de novidade não abrangem sectores de que parece arredada a «imagem feita» de Camilo, por exemplo, a observação de tipo 10 balzaquiano, o realismo rústico, o denso humorismo reflexivo, a clássica sobriedade de expressão, aliada ao mais subjugante vigor dramático. Está, aliás, por fazer o estudo da influência de Camilo na novellística portuguesa, maior talvez do que se crê, e, pelo menos, de coincidências da ficção dos nossos dias (de Carlos de Oliveira a Agustina Bessa Luís) com a experiência humana e estética de Camilo.

Jacinto do Prado Coelho, «O lugar da novela camiliana na História Literária», in *Estrada Larga*, Porto, Porto Editora, s.d.

¹ antitética: em que há oposição.

² casticismo: qualidade do que é castiço (vernáculo, nacional, genuíno).

Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (sessenta palavras como limite mínimo, e cento e quinze como limite máximo). Um desvio maior implica a desvalorização parcial do texto produzido.

Note que, para efeitos de contagem, se considera uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando hifenizada. De acordo com este critério, o fragmento a seguir transcrito é constituído por quinze palavras: «Assim,/ aproximam-nos/ da/ compreensão/ mais/ justa/ as/ tentativas/ para/ descobrir/ em/ Eça/ o/ romantismo/ temperamental/».

FIM

V.S.F.F.

138/3